



Bloco de Esquerda

Pelo Fim da Violência contra as Mulheres

Comemorou-se no passado dia 25 de Novembro o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres, data instituída pela ONU desde 1999 para mobilizar a sociedade em todo o mundo contra esse flagelo. A data foi escolhida para homenagear as três irmãs Mirabal, activistas na luta contra o ditador Trujillo da República Dominicana, mortas nesse dia no ano de 1960.

Em Portugal, desde 2004 e até final de Novembro deste ano, isto é, nos últimos 14 anos de recolhas de dados sobre mortes de mulheres em contexto de conjugalidade ou de relações familiares privilegiadas, o Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), um projecto que a UMAR iniciou em 2004, contabilizou 472 mulheres mortas às mãos dos seus companheiros, ex-companheiros ou familiares. O distrito de Setúbal continua a ser o terceiro distrito do país com maior número de mortes de mulheres – 46 em 13 anos. Infelizmente, nos últimos 5 anos, no concelho do Seixal ocorreram 6 mortes e 5 tentativas de homicídios de mulheres. Nestes relatórios da UMAR, quer nos casos consumados, quer nas tentativas de homicídio, surge em evidência um historial de presença de violência doméstica na relação de conjugalidade ou de intimidade entre a vítima e o agressor.

A nível internacional os números dizem que em 3 mulheres uma já foi ou será vítima de algum tipo de violência. São conhecidas experiências que mostram como as pessoas fingem desconhecer, tapam os olhos, evitam encarar e denunciar situações de violência que estão logo ali na casa ao lado, na rua por onde circulamos, dentro do elevador. Temos que “meter a colher”, ser definitivamente intolerantes para com a violência. Mesmo que não nos afecte, intervir, denunciar, apoiar e lutar pela erradicação da violência são deveres da cidadania e de uma sociedade decente.

A frieza dos números tem de ter uma tradução nas consciências de que são pessoas que foram maltratadas e a algumas foi mesmo retirado o direito básico a viver. Sabemos que o aumento das participações corresponde a uma maior consciência dos direitos que levaram a que alguém deixasse de ter vergonha, que alguém decidisse intervir, que alguém deixasse o silêncio e pedisse ajuda. Sabemos que o facto de haver mais participações não significa que agora há mais violência do que antes. Não. Agora há mais consciência dos direitos, as campanhas e as organizações de direitos das mulheres têm feito um caminho, mas é impossível que esta constatação nos satisfaça. Uma que seja é uma vida que foi abusivamente retirada.

A violência contra as mulheres é um problema de poder, de justiça, de igualdade, de educação, de segurança e deriva de uma discriminação de género que está na base da sociedade sexista e desigual em que vivemos. Quando lemos as notícias, é recorrente surgir o ciúme, as atitudes possessivas, o controlo, a incapacidade de lidar com o sentimento de perda como “explicações” para os assassinatos de mulheres. Há que desfazer alguns mitos e narrativas que tentam explicar e desculpabilizar este crime como o álcool ou a crise. Não negamos que a crise seja potenciadora de

atitudes de frustração, depressão e revolta, mas não é determinante nem pode ser desculpa para a consumação de crimes.

Temos leis. Temos planos contra a violência de género. Mas não podemos tolerar o massacre que é a vida, as vidas de milhares e milhares de mulheres. A lei não basta; por isso, os membros da sociedade têm que intervir, denunciar e não fechar os olhos. A prevenção é fundamental, as campanhas, todos os meios que eduquem para o respeito, a não discriminação, a cidadania têm de ser constantes e eficazes. A justiça tem que ser rápida e tem que dar sinais claros de que protege as vítimas e pune os agressores.

O concelho do Seixal recebeu por duas vezes o prémio Viver em Igualdade e tem estado atento à problemática das discriminações e da violência de género, mas os números que aqui trazemos impelem-nos a dizer que são precisas acções mais fortes de sensibilização e informação de toda a população sobre esta temática.

A violência mata! Não podemos tolerar.

No último 25 de Novembro, voltámos a ser confrontados com números da violência. Qualquer que seja esse número bastava uma mulher assassinada para a sociedade se levantar e dizer: BASTA! Nesse dia, mulheres e homens em todo o mundo estiveram na rua a denunciar e a lutar contra tais crimes. Também em Portugal estivemos na rua a levantar as nossas vozes contra a violência de género e a dizer Nem mais Uma! Queremos respeito.

Assim, a Assembleia Municipal do Seixal, reunida a 15 de Dezembro de 2017, em sessão extraordinária, delibera:

1. Apelar aos cidadãos e às cidadãs para que se mobilizem contra este crime.
2. Apelar aos órgãos autárquicos que promovam campanhas de sensibilização e informação da população para esta problemática, no âmbito das parcerias da Rede Social do nosso concelho.

Seixal, 15 de Dezembro de 2017

O Grupo Municipal do Bloco de Esquerda

Vítor Cavalinhos

Eduardo Grelo

Sandra Sousa